

# Plano suíço para os endividados *divida externa*

por Suely Caldas

do Rio

16 SET 1984

Preocupado com a possibilidade de "uma catástrofe como a do choque do petróleo", um grupo de seis bancos e nove empresas suíças elaborou um documento propondo soluções mais favoráveis para a renegociação da dívida externa do Terceiro Mundo e reclamando imediato restabelecimento do crescimento econômico nesses países. Entregue há poucos dias aos ministros Delfim Netto e Ernane Galvêas, esse documento está também em poder dos principais executivos dos governos de países europeus, dos Estados Unidos e do Japão, inclusive o influente secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, além de banqueiros credores do Terceiro Mundo, Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Banco para Compensações Internacionais (BIS).

Com propostas na linha até agora defendida só por economistas e governos do Terceiro Mundo, como conversão de parte da dívida dos credores em capital de risco, o grupo desenvolve uma ação organizada de persuasão junto aos principais banqueiros e governos do mundo desenvolvido, no sentido de concederem já condições mais brandas

nas renegociações das dívidas dos países pobres, segundo revelou ontem o porta-voz do grupo, o diretor gerente da Holderbank Financiere Glaris LTD. Cellynny, Max Amstutz.

O executivo suíço está no Rio participando de uma reunião de todas as filiais de sua empresa (uma holding na área de cimento, com sessenta fábricas no mundo inteiro), representada no Brasil pela Ciminas — Cimento Nacional de Minas S/A.

## GRUPO

Denominado "Swiss ad hoc group on international debt problems", o grupo é integrado por nove empresas (entre elas a Nestlé, Brown Boveri, Sandoz, Ciba-Geigy e Swissair) e seis bancos (Swiss Bank Corporation, Crédit Suisse, entre outros), todos com filiais instaladas no Brasil. Max Amstutz mostra entusiasmo e esperança na ação política do grupo e diz que hoje os banqueiros europeus já concordam com a maior parte de suas propostas e até o conservador presidente do BIS, Leutwiler, já se mostra receptivo a muitas das sugestões do grupo.

Ele identifica resistências de parte do Federal Reserve dos EUA e dos bancos norte-americanos e alerta que "essa resistência pode provocar dese-

quilíbrio e desencadear quebras em cadeia do sistema financeiro internacional, porque, se não for encontrada uma solução rápida para fazer suportar o encargo financeiro desses países, haverá uma catástrofe, como a do choque de petróleo".

## "CRACK"

O documento reclama urgência de ações concretas para evitar o "crack" financeiro e sugere medidas para reduzir o serviço das dívidas: 1) conversão dos débitos em dólares em moedas de juro mais baixos, como o franco suíço; 2) redução dos "spreads", considerados "exagerados"; 3) capitalização dos juros por 3 a 4 anos; 4) ampliação do prazo de amortização entre 8 e 15 anos; 5) conversão de parte das dívidas em capital de risco.

Em português fluente de quem já viveu no Brasil durante cinco anos, Max

Amstutz defende a volta imediata do crescimento econômico (ele acha que o Brasil deve crescer logo entre 5 e 8% ao ano, para depois pensar em crescimentos suaves) e, ao condenar o rompimento com o FMI, ressalta que esse órgão precisa liberar mais recursos para os endividados e mudar radicalmente seu programa de ajustes, estimulando o crescimento e não a recessão.

Considera errado o conceito de que a dívida deve reduzir: "Pelo contrário", diz ele, "ela tem é de aumentar". E explica as razões que o levam a tomar, temporariamente, a defesa do Terceiro Mundo. "O mundo industrializado exporta 40% de sua produção para os países em desenvolvimento. O que acontece aqui afeta nossas indústrias. Além disso, é preciso a todo custo evitar a quebra do sistema financeiro."